



11º Encontro Internacional de Política Social 18º Encontro Nacional de Política Social

Tema: Entre o capital e a vida: questão social,
crise ambiental e resistências

Vitória, ES, Brasil, 18 a 20 de agosto de 2026

Eixo: Teoria do valor, crise capitalista e a crítica da economia política

Perfil do exército industrial de reserva do Brasil em 2024

Cintia Caroline Crispim¹

Rosangela Maria Pontili²

Luciano de Souza Costa³

Resumo: Esta pesquisa objetivou analisar o perfil socioeconômico do Exército Industrial de Reserva (EIR) do Brasil, no ano de 2024, utilizando como fundamento a teoria da exploração da mão de obra no mercado de trabalho, de Karl Marx. Utilizando-se os microdados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC) disponibilizados pelo IBGE foram caracterizadas as categorias idade, anos de estudo, raça e sexo. Verificou-se que a inserção no EIR ocorre em maior porcentagem entre pessoas não brancas, com pouco estudo e do sexo feminino. Concluiu-se que as condições precárias de trabalho fazem parte da realidade atual do Brasil, sendo necessárias políticas públicas assertivas de inclusão e transformação do mercado de trabalho.

Palavras-chave: Karl Marx; Exército Industrial de Reserva; Brasil.

The Industrial Reserve Army in Brazil in 2024

Abstract: This research refers to an analytical study of the industrial reserve army (IRA) in Brazil in the year 2024. It is based on Marx's theory of labor exploitation in the labor market and on data from the Continuous PNAD made available by the IBGE. The problem addressed concerns the profile of the IRA in the country. The text presents Marx's (2013) theory of the industrial reserve army. The categories analyzed include age, years of schooling, race, and sex. It was found that non-white individuals, with low levels of education, and women are more likely to be part of the reserve army. It is concluded that precarious working conditions exist in Brazil today, and that studies and policies focused on investment in research and employment in the country are necessary.

Keywords: Karl Marx; industrial reserve army; Brazil.

1. Introdução

Karl Marx foi um dos economistas que melhor compreendeu o capitalismo. Ao olhar para sua literatura, do ponto de vista do materialismo histórico-dialético, nota-se que ele buscou analisar a sociedade, ou seja, as classes e as lutas de classes, trazendo uma visão importante sobre trabalho e a exploração da mão de obra nesse sistema. Segundo Hunt (2013) as ideias principais de Marx desenvolveram-se ao longo do século

¹ Mestranda em Economia pela UNIOESTE - Toledo. Email: cintiacrispim@gmail.com

² Doutora em Economia pela UNIOESTE e professora associada da UNIOESTE – Campus de Cascavel. Email: rosangela.pontili@unioeste.br

³ Doutor em economia pela UFPR e professor associado da UNIOESTE – Campus de Cascavel da UNIOESTE - Cascavel. Email: luciano.costa@unioeste.br

XVIII, período da primeira Revolução Industrial, que deu início à escalada da industrialização mundial, à padronização no processo produtivo e à indústria de escala. Mas, as mudanças no modo de produção também permitiram o aprofundamento da divisão do trabalho e da exploração da mão de obra. Assim, houve, naquele período uma modificação das relações em termos de trabalho, moradia e mão de obra, que se tornaram cada vez mais relacionadas à atividade industrial.

A teoria e as discussões propostas por Marx, foram um contraponto às ideias de outros economistas clássicos, dentre eles, Adam Smith e David Ricardo. Karl Marx analisou as teorias desses economistas e, com foco no estudo da sociedade capitalista e no estudo das relações de valor, teorizou acerca do Exército Industrial de Reserva (EIR), descrevendo sua relação com o desemprego e o subemprego das indústrias na economia capitalista. Este exército seria formado pela força de trabalho excedente de pessoas desempregas ou em condições de subemprego, ativas economicamente e dispostas a trabalhar (ARAÚJO, 1995).

Segundo Marx (2013), a existência do exército industrial de reserva justifica-se por uma mão de obra excedente que seria a garantia de salários baixos para a população do exército ativo. Assim, a mão de obra empregada não lutaria por salários maiores e até mesmo aceitaria ser mais explorada, devido ao receio de ser facilmente substituída. Esta seria uma das formas de acumulação do capital com alto rendimento, pois muitas pessoas ficariam desempregadas devido à substituição de trabalho por máquinas, à inserção da mão de obra jovem no mercado, à falta de experiência e à necessidade de adquirir novos aprendizados para permanecer na indústria. Com base nesta reflexão, este trabalho objetivou analisar o perfil socioeconômico do Exército Industrial de Reserva do Brasil, no ano 2024.

Para Marx (2013), o exército industrial de reserva seria fundamentalmente formado por 3 categorias: a flutuante, a latente e a estagnada e este trabalho focou nas categorias flutuante e estagnada. A categoria flutuante diz respeito a pessoas desempregadas em decorrência do crescimento da indústria e é formada por pessoas mais velhas, substituídas pela juventude, pelo fato de não se adequarem às novas ocupações. A categoria estagnada é formada por pessoas que retornam aos empregos em tempos de retomadas de negócios. Inclui, também, os filhos de indigentes e órfãos que se tornam ativos em épocas de prosperidade, além das vítimas da indústria, nas quais se incluem as

viúvas e aleijados, que eram para o autor, um peso morto do exército industrial de reserva. Essa população, normalmente, ocupa espaços de subemprego não ligados ao capitalismo, para tentar fugir da miséria.

Na atualidade, no Brasil, milhões de pessoas se encontram em situações de desemprego, subocupação, ou trabalho informal, por exemplo. Diante disso, é necessário entender a estrutura existente desse EIR, como ele é formado e suas condições socioeconômicas, para que se possa visualizar a constituição do capitalismo no país e como ele afeta as pessoas que aqui vivem. No primeiro trimestre de 2024, das 172 milhões de pessoas em idade ativa (PIA), 62%, ou cerca de 106,7 milhões de pessoas faziam parte da população economicamente ativa (PEA), quando a taxa de desemprego estava em aproximadamente 7,9%, contabilizando 8,4 milhões de pessoas. Além disso, do total das pessoas da PEA, aproximadamente 3,3%, totalizando em torno de 3,5 milhões de pessoas, faziam parte da população em situação de desalento e 4,75% eram subocupadas, correspondendo a cerca de 5 milhões de pessoas. O mercado de trabalho informal era composto por 42 milhões de pessoas, o que correspondia a 42,8% da população ocupada (IBGE, PNADC, 2024). Havia, portanto, 62.424 milhões de pessoas que compunham o EIR do Brasil. Dada a grandiosidade desta população, justifica-se estudos mais aprofundados sobre suas características.

2. O Exército Industrial de Reserva em Marx

Uma população de trabalhadores que se tornam excedentes, é como um produto da acumulação e do desenvolvimento da riqueza, alavancando assim, a acumulação do capitalista em seu próprio meio de produção. Esse excedente forma o Exército Industrial de Reserva disponível, o qual, segundo Marx (2013), pertence de maneira absoluta ao capital, na condição de um processo inerente ao capitalismo.

Conforme cresce a força produtiva de trabalho, o capital eleva rapidamente a oferta mais do que a demanda de trabalhadores, isso é consequência do crescimento do volume e eficiência dos meios de produção, que se tornam meios de ocupação dos trabalhadores, mesmo que em menor grau. Esse sobretrabalho da parte ocupada faz com que aumente as reservas, e então, aumenta a pressão da população ocupada, forçando-os a trabalhar ainda mais, a fim de se manterem empregados. Essa realidade enriquece o capitalista individual e acelera a formação do exército industrial de reserva em um grau que corresponde ao progresso da acumulação social (Marx, 2013).

Das três categorias que compõem o exército industrial de reserva esta pesquisa focará em duas. A primeira categoria apresentada por Marx (2013) é a flutuante, que se refere aos trabalhadores rejeitados pela indústria moderna devido ao baixo nível de conhecimento. Assim, dado o advento das máquinas e sendo aplicada a moderna divisão do trabalho, é necessário grande parte de trabalhadores que sejam homens jovens. Conforme a indústria cresce, aumenta o número de pessoas que são rejeitadas pelo sistema produtivo e a superpopulação flutuante.

Na categoria estagnada tem-se aqueles que não se adaptaram ao sistema de produção moderno e passaram a exercer ocupações irregulares, proporcionando ao capital um depósito de pessoas disponíveis para vender sua força de trabalho. Estas pessoas formam uma ampla base de exploração e estão dispostas a trabalhar por um tempo máximo, a fim de receber o mínimo de salário (Marx, 2013). Essa categoria inclui a mão de obra que está no campo sem ocupação, indivíduos que perderam os empregos para indústrias que declinaram ou a classe desempregada da grande indústria. Ela cresce geração após geração e em uma velocidade maior que a observada para a categoria dos trabalhadores estáveis (Marx, 2013).

Além disso, a categoria estagnada é composta por três subcategorias. A primeira diz respeito aos aptos ao trabalho, formada por uma massa de trabalhadores que aumenta com as crises e diminui com a retomada dos negócios. A segunda refere-se aos órfãos e aos filhos de indigentes, que são candidatos ao exército industrial de reserva, porém, se tornam parte da força de trabalho ativa em épocas de grande prosperidade. Por último tem-se os degradados, maltrapilhos e incapacitados para o trabalho, dotados de grande imobilidade, seja pela divisão do trabalho, seja porque ultrapassaram a idade normal de um trabalhador. Tem-se, ainda, os que são propriamente vítimas da indústria, como os aleijados, viúvas e doentes, que aumentam junto ao crescimento da maquinaria perigosa, da mineração e das fábricas químicas, por exemplo. Marx (2013), chama essa categoria de “peso morto do exército industrial de reserva”, pois são trabalhadores inválidos do exército trabalhador ativo, como um fardo para a indústria, vivendo da miséria.

O exército industrial de reserva aumenta à medida que aumentam as riquezas dos capitalistas. Isto porque, quanto maior for esse exército em relação à população de trabalhadores ativos, maior a massa da superpopulação que tenta fugir da miséria através

da forte exploração do seu trabalho. Assim, “quanto maior forem as camadas lazarentas da classe trabalhadora e o exército industrial de reserva, tanto maior será o pauperismo oficial” (Marx, 2013, p. 875). Ou seja, há uma pressão exercida sobre os trabalhadores, que são cada vez mais explorados por salários baixos, já que estes, se esforçam cada vez mais para não entrarem em vias de desemprego ou subemprego. Com isso, aumenta-se a produção e a produtividade, além do capital pertencente ao capitalista.

2.1. O Exército Industrial de Reserva em leituras contemporâneas

A teoria apresentada por Marx ainda é discutida por diversos autores da literatura contemporânea, visando compreender a dinâmica do funcionamento do EIR na atualidade. Para estes autores, o desemprego é a essência do capitalismo, pois os trabalhadores desocupados permitem o pagamento de salários menores aos empregados e isso conduz ao aumento do lucro dos capitalistas. Essa população desempregada compõe o exército industrial de reserva, por se referir a trabalhadores “sobrantes”, substituídos por máquinas, tecnologia ou novas instalações (Trindade, 2017). Devido à centralização do capital é possível pagar salários abaixo do que se deveria para atender às necessidades da classe trabalhadora, pois existem trabalhadores dispostos a receber os valores existentes para manterem-se empregados.

Germer e Neto (2013), afirmam que o exército industrial de reserva é composto por todos os membros da classe trabalhadora que não vendem a força de trabalho para o capitalista. Eles podem ser ocupados ou desocupados em diversas atividades, com fins mercantis ou não. Assim, não fazem parte da superpopulação relativa apenas os desempregados, mas também, outros trabalhadores que podem até mesmo não estar em busca de emprego pelo capital, como pessoas da produção doméstica, como donas de casa, ou trabalhadores por conta própria, como pessoas da pequena produção mercantil ou do comércio varejista.

Fortes (2018), aponta que o desemprego estrutural é uma condição da sociedade capitalista e a superpopulação relativa é um elemento necessário para a acumulação do capital, não contando apenas com o exército ativo, mas também com a reserva de mão de obra que substitui o trabalhador ativo em caso de necessidade. O modo de produção capitalista permite o controle da atividade produtiva e do tempo trabalhado. Isto porque, as atividades antes feitas por artesãos, de forma individual, passam a serem realizadas em grandes galpões, colocando todos os trabalhadores sob o mesmo teto.

3. Metodologia

Nesta pesquisa optou-se pela análise quantitativa da população que compunha o Exército Industrial de Reserva do Brasil em 2024. Lakatos e Marconi (2017), destacam que a análise quantitativa objetiva reduzir a complexidade de fenômenos sociológicos, políticos e econômicos, para demonstrar a relação existente entre si e generalizar sobre a natureza, ocorrência e significado dessas relações. Assim, desenvolveu-se uma análise estatística descritiva da referida população, observando-se suas características sociais e econômicas, a saber: o sexo, a cor ou raça, a escolaridade, dentre outros. Segundo Cervi (2017), a estatística descritiva diz respeito à preocupação com a coleta e apresentação de dados observados, manipulando-se valores totais e percentuais das variáveis por meio de fórmulas, gráficos e tabelas.

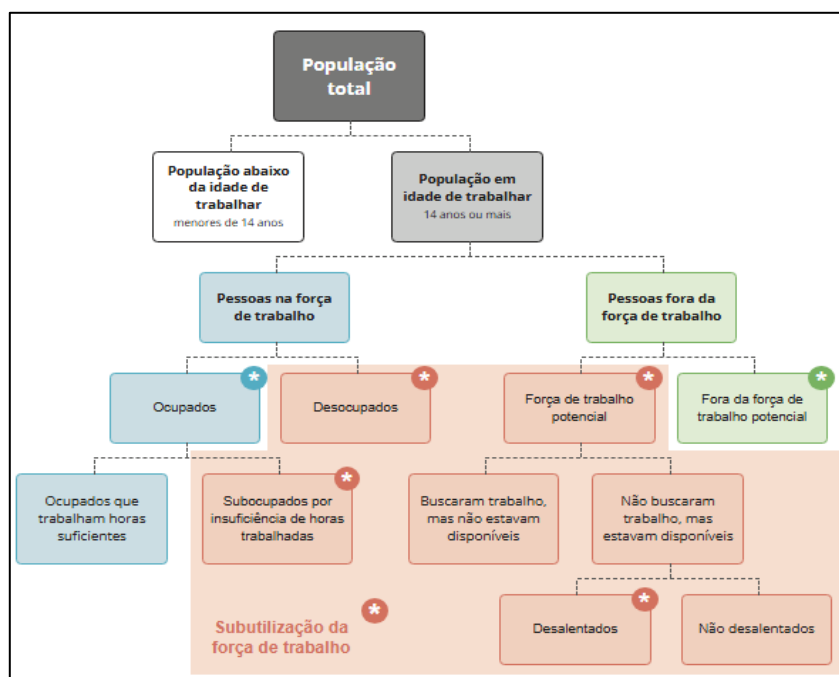
Para esta pesquisa, a fim de definir a população que compõe o exército industrial de reserva, foram escolhidas categorias que condizem com as descritas por Marx (2013). Tais categorias foram obtidas dos microdados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC), respeitando-se as definições do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para o mercado de trabalho brasileiro. Sendo assim, selecionou-se a população com idade entre 14 e 80 anos e identificou-se as pessoas que se enquadravam como:

- PIA = População em Idade Ativa
- PEA = População Economicamente Ativa
- PO = Pessoas Ocupadas
- PD = População Desempregada ou Desocupada
- PTI = População de Trabalhadores Informais
- NPEA = População Não Economicamente Ativa ou fora da Força de Trabalho (desempregados por desalento e força de trabalho potencial)
- SB – População Subocupada

Os microdados do quarto trimestre de 2024, da PNADC, foram extraídos da página eletrônica do IBGE e o primeiro passo foi identificar a população total do país. Em seguida, foram criadas as categorias para a variável idade e retiradas da amostra as crianças com idade entre 0 e 13 anos. Em seguida, foram selecionadas as populações pertencentes à PIA, PEA, NPEA, PO, PD, PTI e SB. A soma de parte destas populações

representa o Exército Industrial de Reserva. Na Figura 1 é possível observar as divisões do Mercado de Trabalho brasileiro, comprovando-se que diversas categorias são subpopulações de outras categorias. As categorias destacadas em vermelho dizem respeito aos indivíduos subocupados ou desocupados e dado que ali também existem subpopulações, para obter a população que representa o Exército Industrial de Reserva do Brasil basta somar as categorias desocupados, força de trabalho potencial, subocupados e trabalhadores informais. Os grupos populacionais escolhidos para a presente pesquisa estão destacados em vermelho.

Figura 1: As divisões do mercado de trabalho brasileiro em 2024.



Fonte: IBGE (2025)

Em relação às categorias apresentadas por Marx (2013), a primeira categoria é a flutuante, na qual os trabalhadores são de maioria jovens com uma grande rotatividade entre ocupados e desocupados, pois a indústria exige um conhecimento técnico que a mão de obra jovem, algumas vezes, ainda não adquiriu. Porém, a mão de obra mais velha tornou-se inapta para estas operações.

A categoria estagnada tem sua ocupação irregular, em que muitas pessoas ficam disponíveis para vender sua força de trabalho, porém em condição abaixo do nível normal da classe trabalhadora e tendo sua mão de obra explorada, onde cabem as categorias de subocupação e informalidade. Dentro da categoria estagnada, existe uma subcategoria que diz respeito aos aptos ao trabalho, os quais podem ser aqui definidos

como a força de trabalho potencial, categoria que aguarda por oportunidades no mercado de trabalho, mas não necessariamente busca emprego, por estar envolvida em atividades domésticas ou nos estudos.

Para a extração e manipulação dos dados utilizou-se o *software Stata for Windows V13* e, para a elaboração dos gráficos e tabelas fez-se uso do *software Microsoft Excel*. Todos os cálculos foram ponderados pelo fator de expansão da amostra da PNADC.

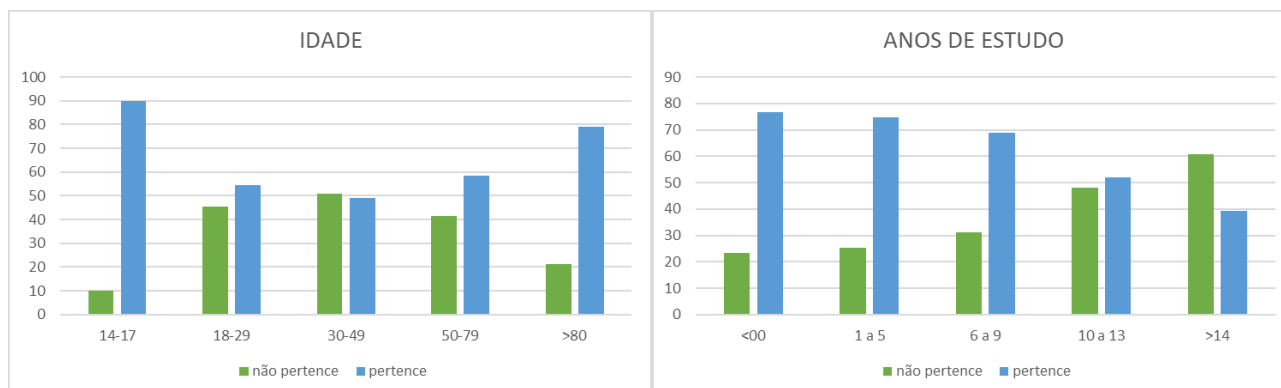
4. Resultados

Em relação à idade, a maior parte do EIR está nos dois extremos, o dos jovens de 14 a 17 anos de idade, dentre os quais 90,02% fazem parte do exército e no grupo de pessoas com mais de 80 anos, em que a porcentagem chega a 78,90%. Referente a idade, segundo Santos (2023), há uma desvalorização da mão de obra idosa, em decorrência de uma cultura que superestima o trabalhador jovem, por ser mais barato, mais produtivo e adaptável. Assim, o trabalhador mais velho é descartado por parecer menos produtivo e por prevalecer a ideia de que existem oportunidades fora do mercado de trabalho onde estes idosos podem se encaixar, tais como as atividades domésticas e o cuidado dos(as) netos(as).

Em relação aos anos de estudo, 76% das pessoas sem instrução e 74,59% daqueles com escolaridade entre 1 e 5 anos de estudos pertenciam ao EIR. Este grupo representava apenas 10,78% da população total do Brasil em 2024, em termos absolutos, correspondia a um total de 114 milhões de pessoas. Ou seja, trata-se de uma grande quantidade de pessoas que não tiveram acesso à educação e não conseguiam um emprego ou uma estabilidade empregatícia. Esta realidade era bem diferente quem terminou o ensino médio ou cursou o ensino superior, pois dentre aqueles com 10 a 13 anos de estudo 51,83% estavam no exército. Esta porcentagem caiu para apenas 39,19% quando se olha a população com mais de 14 anos de estudo (vide Figura 2).

Segundo Paz (2024), a tendência de queda nos retornos à escolaridade no Brasil, em meio ao aumento do número de anos de estudo, pode ser fruto do crescimento acelerado da oferta, o que estaria na contramão da demanda por mão de obra qualificada e isto poderia ser fruto da dinâmica da economia. Isto porque, os setores que pagam maiores salários cresceram menos em relação aos que pagam salários mais baixos, o que gerou uma maior concorrência entre a população que busca mais conhecimento para estar apto a receber um salário mais alto.

Figura 2: População brasileira segundo a idade e anos de estudo e o fato de pertencer ou não ao exército industrial de reserva



Fonte: Elaboração própria com base na PNADC 04/2024.

Em relação a raça, a figura 3 mostra que entre os indígenas está a maior proporção de pessoas que fazem parte do EIR (67,40%), os quais são seguidos dos pardos, com 58,25% e dos pretos, com 55,86%. Em se tratando do tamanho da população, a maior delas é a população parda, formada por 51 milhões de pessoas, e, em seguida, tem-se a branca, com 48 milhões. A raça que tem menos pessoas é a indígena, com 521 mil pessoas, aproximadamente. Dentro deste cenário, a questão racial aponta para uma desvantagem dos pretos, pardos e indígenas.

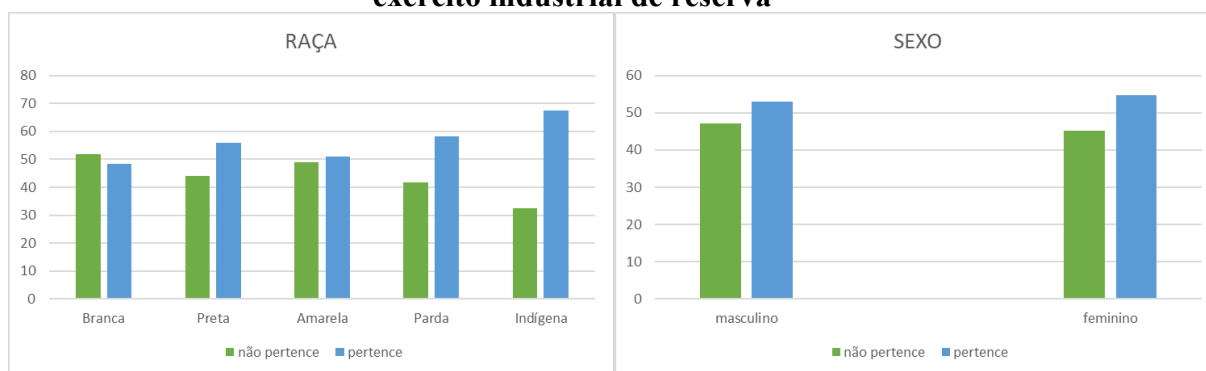
Considerando o racismo estrutural no nosso país, Gomes e Sousa (2025), afirmam que as instituições são racistas porque a sociedade é racista. Por isso, existe uma realidade de privilégios devido à raça, ao poder e às regras impostas pelas empresas. O racismo institucional, acaba por impor padrões, em que se exclui uma classe e coloca outra em posição de poder, seja no ambiente público, privado, em uma pequena ou uma grande empresa. Para a sociedade isso já é um costume adotado, anulando o lugar de fala da pessoa preta e evidenciando a classe branca.

Na categoria sexo, os resultados são aproximados, sendo que 55% das mulheres pertenciam ao EIR, enquanto para os homens a participação era de 53%. Ainda assim, a probabilidade de uma mulher estar no exército era maior do que para os homens.

Cirino (2021), aponta que, para a teoria do capital humano, a remuneração do indivíduo seria definida a partir das características produtivas, não havendo, nesta teoria, discriminação por gênero. Porém, na sociedade regida pelo modo de produção capitalista há um tratamento desigual, em que homens recebem mais que as mulheres,

podendo caracterizar-se como discriminação de rendimento. Neste caso, as mulheres recebem menor salário mesmo desempenhando a mesma função que o homem. Ocorre, também, a discriminação de emprego, na qual a oferta de trabalho é menor para mulheres, além da discriminação de ocupação, em que as trabalhadoras ficam restritas a desempenhar funções com menor rendimento e piores condições de trabalho. Ou seja, há oportunidades desiguais, em uma realidade na qual a mulher tem mais dificuldade de acesso à educação formal ou a um emprego de qualidade.

Figura 3: População brasileira segundo a sexo e o fato de pertencer ou não ao exército industrial de reserva



Fonte: Elaboração própria com base na PNAD contínua 04/2024

5. Considerações finais

No Brasil, ter baixa escolaridade, ser idoso, ser mulher, morador da área rural, ser não branco e morar nas regiões norte ou nordeste, coloca o trabalhador em condições mais precárias no mercado de trabalho e com maiores chances de pertencer ao EIR.

Segundo apontam os dados apresentados, grande parte da população brasileira pertence ao Exército Industrial de Reserva e a condição de pertencimento ao EIR, para as categorias aqui relacionadas mantém-se altas. Mesmo com tantas políticas apontadas por diversos governos, nas quais se busca o crescimento e desenvolvimento do país, muitas pessoas ainda vivem em situação precária, em situação de desemprego, desalento, buscando diversas maneiras para sobreviver neste país.

Para além das informações aqui apresentadas, é possível confirmar que existam pessoas não brancas, nordestinas e moradores de áreas rurais, em condições super precárias de trabalho, ou vivendo em condições análogas à escravidão. Também ainda é muito comum no Brasil deparar-se com mulheres que vivem como “domésticas”

desde a infância, dentro de casas de pessoas com maior poder aquisitivo.

As melhorias econômicas do país não conseguem abranger toda a população que precisa de emprego e muitas dessas pessoas sujeitam-se a trabalhos informais, correndo riscos enquanto vendem coisas na rua, debaixo de chuva ou sol, com o perigo de serem até mesmo atropeladas. Tais pessoas correm este risco para poderem levar um prato de comida para a casa, para que seja possível fazer ao menos uma refeição com dignidade em seu dia.

É necessário maior investimento em condições decentes de trabalho no país e melhor valorização da mão de obra disponível. Cursos de profissionalização acessíveis, oportunidades de emprego às pessoas jovens, valorização salarial da classe trabalhadora e melhoria das leis que regem o trabalho no país, a fim de não deixar tantas pessoas no desalento.

Referências

ARAÚJO, C. R. V. **História do Pensamento Econômico**. São Paulo. Atlas, 1995.

CIRINO, J. F. **Discriminação por gênero no mercado de trabalho**: uma comparação do diferencial de rendimento entre homens e mulheres para os anos de 2002 e 2014. Planejamento e Políticas Públicas, [S. l.], n. 51, 2021. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/ppp/index.php/PPP/article/view/932>. Acesso em: 3 dez. 2025.

FORTES, R. V. **Sobre o Conceito de Exército Industrial de Reserva**: aspectos históricos e atualidade. Temporalis, Brasília (DF), ano 18, n. 36, p. 256-273, jul./dez. 2018.

GERMER, C, M; NETO, N. N. G. **A Evolução Recente do Mercado de Força de Trabalho Brasileiro sob a Perspectiva do Conceito de Exército Industrial de Reserva**. Revista Ciências do Trabalho. UFPR – v. 1. N. 1. Paraná (2013).

GOMES, A. D; SOUSA, E. C. **Racismo Estrutural no Mercado de trabalho**: impactos na divisão racial. Revista Ibero-americana de Humanidades, Ciências e Educação. São Paulo. V. 11, n. 9. 2025. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/20911/12744>. Acesso em: 03/12/2025.

HUNT, E. K; LAUTZENHEISER, M. **História do Pensamento Econômico**. Rio de Janeiro, Elsevier, 2013.

MARX, K. **O Capital: Crítica da Economia Política: o Processo de Produção do Capital**. São Paulo. Boitempo Editorial. 2013.

PAZ, G. V. S. **Retornos da escolaridade no Brasil**: evolução entre regiões e setores ao longo do tempo. 2024. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2024. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/96/96131/tde-19092024-100049/>. Acesso em: 01 dez. 2025.

SANTOS, A. S. F. **A Contratação de Trabalhadores Idosos**: o etarismo no mercado de trabalho. São Paulo. 2023. TCC – ETEC. Osasco, 2023. <acesso em: https://ric.cps.sp.gov.br/bitstream/123456789/17102/1/recursos_humanos_2023_2_alice_soares_fernandes_dos_santos_contratacao_de_trabalhadores_idosos.pdf> 01/12/2025.

TRINDADE, H. **Crise do Capital, Exército Industrial de Reserva e Precariado no Brasil Contemporâneo**. Revista Serviço Social & Sociedade. São Paulo, n. 129, p. 225-244, maio/ago. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ssoc/a/3TSwtXZPh6frCZF7QBNTLbP/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 06/08/2025.